

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

CARTAGRAFIAS DO CUIDARTE: ENTRE CARTAS, MEMÓRIAS E GRUPOS

Andressa Silveira da Silva

Pelotas, 2023

Andressa Silveira da Silva

CARTAGRAFIAS DO CUIDARTE: ENTRE CARTAS, MEMÓRIAS E GRUPOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Édio Raniere

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586c Silva, Andressa Silveira da

Cartografias do Cuidarte : entre cartas, memórias e grupos / Andressa Silveira da Silva ; Edio Raniere da Silva, orientador. — Pelotas, 2023.

39 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Psicologia. 2. Identidade. 3. Grupos. I. Silva, Edio Raniere da, orient. II. Título.

CDD : 150

Andressa Silveira da Silva

CARTAGRAFIAS DO CUIDARTE: ENTRE CARTAS, MEMÓRIAS E GRUPOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Data da defesa: 21/09/2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Édio Raniere (Orientador)

Profa. Dra. Bruna Moraes Battistelli

Afinal, o que interessa em um texto, o que interessa em um grupo é como ele funciona, o que ele dispara e faz fazer.

(Félix Guattari)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
CARTA-CONVITE	8
I. ENTRANDO NO CAMPO	12
1.1 Carta-Saudade	12
1.2 Em Resposta a Carta-Saudade	14
1.3 Carta-Embarque	15
II - FAROL	18
2.1 Carta-Linhas de Fuga: Pista 1	18
2.2 Em Resposta a Carta-Linhas de Fuga: Pista 1	19
2.3 Carta-Rizoma: Pista 2	19
2.4 Em Resposta a Carta-Rizoma: Pista 2	20
2.5 Carta-Ética Cartográfica: Pista 3	22
III. VAGA-LUMES	26
3.1 Em Resposta a Carta-Ética Cartográfica: Pista 3	26
3.2 Carta-Desterritorialização/Reterritorialização - Pista 4	28
3.3 Em Resposta a Carta-Desterritorialização/Reterritorialização - Pista 4	30
IV - INVENÇÃO	33
4.1 Carta-Método: Cartografia	33
4.2 Carta-Encontros	36
REFERÊNCIAS	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Produções do grupo.....	9
Figura 2. Imagem grupo.....	13
Figura 3. Diário de memórias.....	17
Figura 4. O farol.....	25
Figura 5. O mar.....	26
Figura 6. Desintegrar.....	28
Figura 7. Como se fossem Vaga-lumes.....	32
Figura 8. Cartografias do Cuidarte.....	37

RESUMO

A presente pesquisa parte da produção de uma narrativa ficcional que ganha vida por meio da escrita de cartas. A narrativa inicial dessas cartas é disparada por um personagem central chamado Cuidarte. O Cuidarte se constituiu em um grupo *online* que iniciou suas atividades em março de 2021, com o intuito de ser um espaço de escuta, acolhida e experimentação de cuidado direcionado aos estudantes universitários durante a pandemia do Coronavírus (COVID-19) e que esteve vinculado à dissertação de mestrado da autora. Portanto, o presente estudo buscou dar continuidade à pesquisa iniciada na pós-graduação, retomando uma experiência vivenciada em 2021, com o objetivo de mapear linhas afetivas do grupo. A investigação utilizou o método da Cartografia para a produção e troca de cartas entre o Cuidarte e a Andressa. Através desse diálogo, foi possível perceber que o Cuidarte, inicialmente, estava em busca de sua origem e de sua identidade, vinculado ao modo-indivíduo, sendo o único modo de produção de subjetividade possível. Ao longo do seu percurso o Cuidarte vai deixando para trás esse modo-indivíduo, entrando no modo inventivo, o qual lhe permite se desvincular dessa busca incessante por uma origem, uma identidade, para inventar uma ficção sobre si mesmo. Assim, por fim, o Cuidarte se reconhece em outros modos de produção de subjetividade que foram ganhando forma por meio das conexões e agenciamentos que foram sendo traçadas no campo.

Palavras-chave: grupo, identidade, psicologia

ABSTRACT

The present research begins with the production of a fictional narrative that comes to life through letter writing. The initial narrative of these letters is initiated by a central character named Cuidarte. Cuidarte was formed as an online group that commenced its activities in March 2021, with the aim of providing a space for listening, support, and the experimentation of care directed towards university students during the Coronavirus (COVID-19) pandemic and was linked to the author's master's thesis. Therefore, this current study sought to continue the research initiated during postgraduate studies, revisiting an experience lived in 2021, with the goal of mapping the affective lines of the group. The investigation employed the method of Cartagraphy for the production and exchange of letters between Cuidarte and Andressa. Through this dialogue, it became evident that Cuidarte, initially, was in search of its origin and identity, linked to the individual mode, as the only possible mode of subjectivity production. Along its journey, Cuidarte gradually moves away from this individual mode, entering the inventive mode, which allows it to disengage from the relentless pursuit of an origin, an identity, and instead, invent a fiction about itself. Thus, in the end, Cuidarte recognizes itself in other modes of subjectivity production that took shape through the connections and agencements that were being traced in the field.

Keywords: group, identity, psychology

CARTA-CONVITE

De: Andressa

Para: Leitor

Caro leitor,

O texto que se tece a seguir e que configura minha pesquisa parte da produção de uma narrativa ficcional - Donna Haraway (2023) diria se tratar de uma Fabulação Especulativa - que ganha vida por meio da escrita de cartas. A narrativa inicial dessas cartas é disparada por um personagem central chamado Cuidarte. Para aqueles que ainda não o conhecem, o Cuidarte se constituiu em um grupo *online* que iniciou suas atividades em março de 2021, com o intuito de ser um espaço de escuta, acolhida e experimentação de cuidado, direcionado aos estudantes universitários durante a pandemia do Coronavírus (COVID-19).

A chegada do período pandêmico - contexto em que o Cuidarte emergiu - foi marcada pela adoção de diversas medidas de contenção que visavam prevenir e reduzir a transmissão do vírus, resultando assim em mudanças nos modos de viver e se relacionar. Vários hábitos e comportamentos precisaram ser (re)pensados e/ou modificados, tornando o cuidado ainda mais relevante no cotidiano das pessoas. Nesse cenário, houve um aumento na oferta e procura por grupos psicoterapêuticos e de ajuda e suporte mútuos nos espaços virtuais. Tanto de grupos que já existiam antes da pandemia e precisaram se deslocar para esses espaços, devido às medidas sanitárias de distanciamento social, bem como grupos que surgiram como fruto desse processo de transformação, como no caso do próprio Cuidarte.

Diante desta conjuntura e das medidas impostas pela pandemia, os encontros do Cuidarte que ocorreram quinzenalmente, de março a dezembro de 2021, foram realizados por meio de plataformas de vídeo conferências, como o *Google Meet*. Inicialmente, o grupo contou com a participação de apenas colegas do curso de Psicologia. Com o passar do tempo, outras pessoas de fora da universidade também demonstraram ter interesse em participar dos encontros conosco. Por conta disso, o grupo começou a atuar em uma perspectiva aberta à comunidade.

De modo geral, o Cuidarte contou com a participação de vinte pessoas, as quais ao longo do tempo tornaram-se seus amigos. Dentre elas, quinze estudantes do curso de Psicologia, onde me incluo, sendo dez vinculados a Universidade

Federal de Pelotas (UFPel) e cinco vinculados a Universidade Federal de Rio Grande (FURG), uma mestranda em psicologia da FURG, uma estudante do curso de Cinema e Animação da UFPel, um estudante do curso de Artes Visuais da FURG, uma psicóloga e uma participante vinculada a Unidade Básica de Saúde da Família São Miguel, do município de Rio Grande. Na ocasião, todos os integrantes tinham idades entre vinte e trinta anos, com exceção de um que tinha sessenta e um anos. Dentre estes, quinze são mulheres e cinco são homens.

Como o próprio nome já nos fornece pistas, o Cuidarte surge da junção das palavras cuidado e Arte. Portanto, o grupo se propôs a construir uma rede afetiva de cuidado, que se utilizou da Arte como um meio e não um fim, servindo como um caminho que buscou aproximar os integrantes do grupo de suas experiências cotidianas e das repercussões desencadeadas a partir do contexto de pandemia da COVID-19. Para isso, realizamos diversas produções¹ (Figura 1) utilizando algumas linguagens artísticas que nos permitiram refletir, sentir e enxergar as experiências vividas sob uma outra ótica, possibilitando a criação de novas realidades dentro do espaço do grupo.

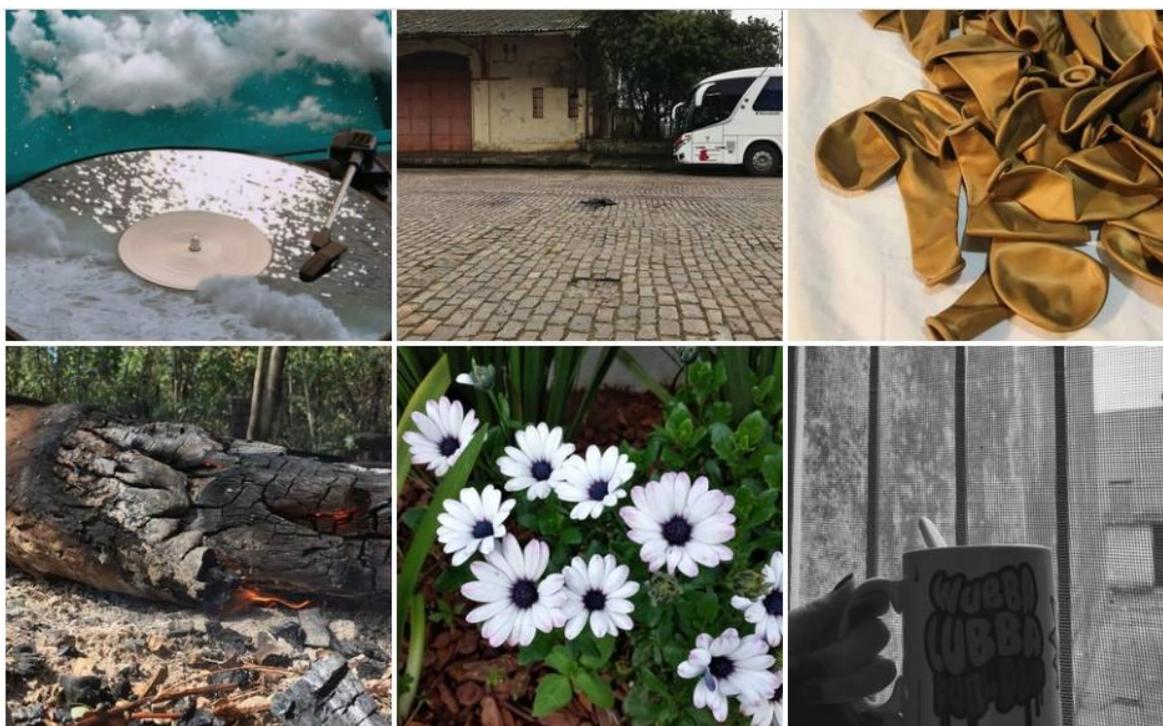


Figura 1. Produções do grupo. Fonte: Acervo do Cuidarte

¹Outras produções realizadas pelo grupo podem ser visualizadas através do instagram @cuidartecuidarte - <https://www.instagram.com/cuidartecuidarte/>

Os participantes experimentaram diversas atividades que envolveram a produção de imagens fotográficas, a escrita de textos, a produção de vídeos e até mesmo a realização de práticas de Yoga, Meditação e Reiki no espaço de nossos encontros. Atividades que eram sugeridas e desenvolvidas pelos próprios integrantes, evidenciando a autonomia que estes tiveram no decorrer de cada encontro. Desse modo, a experiência vivenciada em conjunto apontou pistas de como produzir cuidado nos espaços virtuais de forma sensível, criativa e potente por meio da Arte e da prática grupal.

O Cuidarte emergiu em meio a minha pesquisa de mestrado² e por isso faz parte do Espaço de Expressão (EE), que é um dispositivo clínico-político grupal voltado à produção de estratégias de cuidado e escuta em saúde, vinculado ao Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM) e ao curso de Psicologia da FURG. Assim, imersa pelo desejo de poder dar continuidade a pesquisa já iniciada na pós-graduação, retomo a experiência de grupo vivenciada no Cuidarte no ano de 2021 como ponto de partida de toda a investigação a ser traçada no campo de pesquisa.

No decorrer das páginas seguintes, você encontrará uma coleção de cartas que irão lhe ajudar a se guiar pela investigação. Talvez, em um primeiro momento, você possa sentir um estranhamento ao ler um texto que se distancie das pesquisas tradicionais as quais estamos acostumados a encontrar dentro da academia. No entanto, a escolha por desenvolver uma investigação nesse formato, se dá justamente pelo intuito de explorar uma outra possibilidade, uma outra abertura que leve o leitor a viver também uma experiência.

Aqui você é convidado a dialogar junto com o Cuidarte, ocupando uma nova posição que não apenas de um leitor passivo. O convite feito é para que você possa experienciar, refletir e se juntar a nós nesse processo. Sei que juntos, você, Cuidarte e eu, podemos cartografar novas linhas de força. Por isso, caso sinta-se à vontade para contribuir, crie também seus sentidos, suas narrativas e escreva suas cartas³ a partir das reverberações suscitadas pela leitura.

A presente pesquisa, busca manter-se em constante diálogo com aqueles que desejarem manter contato. Por isso, ela não se encerra na busca por respostas

²A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rio Grande - FURG foi defendida em julho de 2023.

³As cartas poderão ser enviadas ao e-mail: cartasaocuidarte@gmail.com

às perguntas traçadas, mas se mantém sempre em curso, agenciando-se a produção de possibilidades e diálogos, por meio das reflexões produzidas e compartilhadas entre aqueles que se sentirem motivados a participar dessa troca de cartas. Assim como o Cuidarte se movimenta por meio da narrativa ficcional produzida, a pesquisa também é convocada a se movimentar, abrindo caminhos para que outras cartas possam ser escritas e reescritas até onde o desejo nos permitir ir.

Com carinho,
Andressa

I. ENTRANDO NO CAMPO

1.1 Carta-Saudade

De: Cuidarte

Para: Amigos-participantes do grupo

Caros amigos!

Não sei muito bem por onde devo começar essa escrita, já que um longo tempo se passou desde a última vez em que nos falamos. Mas, espero que essa carta encontre todos bem. Tenho sentido muito a falta de vocês e por isso decidi escrever para contar um pouco sobre a vida, como costumávamos fazer no espaço dos nossos encontros. Talvez seja uma tentativa da minha parte de ouvir vocês novamente, já que esse desejo tem pulsado cada vez mais forte dentro de mim.

Atualmente, tenho experimentado viver esse período de “pós-pandemia”, se é que assim posso chamar. Confesso que não tem sido fácil me adaptar a esse novo modo de vida, já que me sinto longe de casa, distante do meio virtual. Conhecer o mundo por meio das telas é um pouco diferente do que conhecê-lo presencialmente. Ainda estou tendo um pouco de dificuldade em reconhecer as pessoas fora do ambiente virtual, já que até então conhecia apenas seus rostos enquadrados pelas telas, dificultando assim a minha percepção de corpo como um todo.

Em meio a esse processo de adaptações nos modos de viver e me relacionar, tenho lembrado com frequência da experiência que vivenciamos juntos no ano de 2021. Naquela época tínhamos ainda muitas incertezas e anseios a respeito do término da pandemia da COVID-19. Torcemos pelo sucesso da vacina e sonhamos com nosso encontro fora das telas. Creio que posso dizer que em meio a um período de tantos bloqueios, fomos capazes de traçar aberturas que nos permitiram atravessar esse tempo juntos. Hoje, percebo o quanto aquele espaço de encontro que construímos coletivamente foi essencial para que pudéssemos cuidar uns dos outros em um momento tão delicado como aquele.

Esses dias ao folhear um caderno antigo encontrei uma fotografia nossa (Figura 2), que se não me falhe a memória foi registrada em nosso último encontro, em dezembro de 2021. Ao olhar para aquela imagem, fui invadido por infinitas recordações que me fizeram lembrar do quanto cada um de vocês foi importante para a minha constituição. Carrego comigo desde então essa imagem e junto a ela

a saúde diária de ouvir e refletir com vocês, de produzir cuidado, aberturas, transformações...



Figura 2. Imagem grupo. Fonte: Acervo do Cuidarte

Neste instante, recordo-me das palavras que li de Maturana (2014) em que ele diz que o resultado da convivência com outras pessoas nos transforma e nos faz transformar, por meio de nossas ações, o meio em que vivemos. Foi a partir da nossa convivência que me coloquei em movimento de acordo com o fluxo, o desejo e a necessidade de cada um de vocês naquele determinado momento. Vocês me deram a vida e por isso falar dessa experiência se tornou tão importante pra mim, pois, trata-se acima de tudo de compreender a minha história, o meu processo e as minhas transformações enquanto grupo.

Por conta disso, eu decidi voltar. Voltei, pois percebi que preciso conversar ainda mais com vocês. Quero entender melhor o que fui/sou enquanto grupo e para isso eu preciso da ajuda de vocês! Como a minha trajetória pode contribuir para que eu encontre essas respostas?

Confesso que tenho me sentido um tanto solitário e por conta disso demorei a decidir escrever essa carta. Talvez por receio de não receber nenhum retorno ou de já ter sido esquecido. A ausência é algo que me assusta, ainda mais em um tempo onde tudo é facilmente substituído. Contudo, eu não poderia mais ficar em silêncio, carregando a culpa de nem ao menos ter tentado o contato.

Sinto a falta das nossas conversas e de como eu era ao lado de vocês. A distância trouxe um vazio que fez com que eu me perdesse na minha própria história. Não me reconheço mais e por isso preciso tanto da ajuda de vocês nesse momento. *Tem sido difícil traduzir o que sinto, o que me afeta. Me perguntam como eu estou e eu digo que tudo bem. Mas não é isso que eu sinto. O bem do estar já passou...agora já é outra coisa e depois outra. Sinto algo estranho, não sei dizer bem o que é. Me sinto incomodado, desconfortável. Será que é assim mesmo? O que será, eu não sei...escrevo para descobrir.*⁴

Com muitas saudades,
Cuidarte.

1.2 Em Resposta a Carta-Saudade

*De: Andressa
Para: Cuidarte*

Querido amigo Cuidarte, que saudade!

Desculpa a demora em lhe responder, mas a vida segue passando tão rápido que às vezes me falta tempo para poder dar a devida atenção a tudo. Não me recordo quando foi a última vez em que escrevi uma carta, por isso, não quis ser apressada com esse retorno já que queria curtir esse momento de escrita. Tenho que lhe dizer que fiquei bastante surpresa ao receber sua carta e algo me diz que ela chegou na hora certa.

Bom, a rotina do lado de cá não segue assim tão diferente do que já era antes quando nos víamos. Continuo envolvida com as demandas da vida acadêmica, tanto do lado da graduação, como da pós-graduação, porém agora respeitando de forma mais consciente os limites da minha saúde física e mental. Esse foi um grande ensinamento que tive com você e tenho tentado seguir ele desde então.

Estou prestes a defender minha dissertação de mestrado e aqueles dois anos que pareciam estar tão distantes, passaram voando. Junto a isso, também estou iniciando meu trabalho de conclusão de curso (TCC) da graduação em psicologia. Confesso que tem sido um grande desafio conseguir dar conta de duas pesquisas e

⁴ A composição deste parágrafo foi feita a partir de trechos produzidos pelos integrantes do grupo Cuidarte no ano de 2021.

me dividir entre duas cidades, afinal as aulas já voltaram a ser presenciais e isso me custa um grande tempo de deslocamento. Me sinto bem cansada, mas também feliz de estar perto de encerrar esses ciclos na minha vida.

Aproveitando que estou falando sobre a vida acadêmica, deixa eu te contar um pouco mais sobre o meu TCC, pois acho que isso pode te interessar. Tenho pensado em pesquisar sobre o trabalho dos grupos no contexto da Psicologia, justamente por conta da experiência que tive contigo ao longo do ano de 2021. Admito que ainda estou um pouco perdida, fazendo as leituras iniciais para poder definir um delineamento. No entanto, ao ler sua carta tive uma grande ideia! Pensa junto comigo... você está em busca de se entender enquanto grupo e eu estou em busca de pesquisar justamente sobre as contribuições das práticas grupais para o contexto da Psicologia. Logo, pensei que podíamos nos ajudar. Talvez esse percurso juntos, olhando para o seu processo grupal, possa nos levar aos caminhos que tanto procuramos. O que te parece? Aceitas embarcar comigo nessa aventura?

Receber sua carta me fez lembrar do tempo passado, dos nossos encontros e de como era bom poder dividir as experiências naquele espaço. Acredito que poder contar com a sua ajuda durante esse processo irá matar um pouquinho da saudade que eu sinto da gente. Além disso, esse convite também poderá te ajudar a mergulhar na sua história em busca daquilo que você procura e me ajudar a delimitar meu processo investigativo. Afinal, a experiência vivida foi de fato muito potente e por isso acredito que ela ainda poderá nos render bons frutos. Bom não irei me alongar, pois sinto que ainda teremos outras cartas para trocar. Enquanto isso fico no aguardo de uma resposta sua.

Com carinho,
Andressa

1.3 Carta-Embarque

De: Cuidarte
Para: Andressa

Andressa,

Ler sua carta me encheu de alegria e entusiasmo! Claro que eu aceito o convite de embarcarmos juntos nesse processo de descoberta. *O anseio por uma*

*aventura pulsa dentro de mim!*⁵ Era exatamente isso que eu vinha procurando...ter uma amiga que pudesse me ajudar a olhar para o meu passado, minha trajetória. A vida depois do encerramento dos nossos encontros se tornou um tanto vazia, solitária. Isso de algum modo fez com que eu me sentisse perdido, é como se eu não conseguisse mais me reconhecer longe de vocês.

Alguns amigos também me enviaram suas cartas contando um pouco sobre os saberes grupais na tentativa de me ajudar a voltar a me reconhecer, mas essas concepções me deixaram ainda mais confuso. Não me enxergo sendo uma antinomia entre indivíduo-sociedade, nem mesmo como sendo esse campo de mediação entre indivíduo/sociedade, singular/coletivo (Fernández, 2006) que tantas pessoas insistem em me definir como tal. Tão pouco, nas concepções de grupo enquanto totalidade, unidade, identidade. Então, afinal que grupo é esse que fui, sou e me torno a cada dia?

Essa pergunta tem me assombrado nos últimos tempos. Pensei até em escrever uma espécie de diário de memórias (Figura 3). Um registro de algumas lembranças do passado, na esperança de que elas me guiassem para o meu reencontro. Mas confesso que as páginas desse diário ainda encontram-se em branco. Estava desanimado por não saber muito bem por onde começar, mas talvez fosse de fato interessante fazer. O que te parece? Quem sabe tu não me ajuda a construir este tal diário, afinal sei que me conheces melhor do que ninguém!

Com carinho,
Cuidarte

⁵ Esta frase foi retirada de um trecho escrito pelos integrantes do grupo Cuidarte no ano de 2021.



Figura 3. Diário de memórias. Fonte: Acervo do Cuidarte

II - FAROL

2.1 Carta-Linhas de Fuga: Pista 1

De: Andressa

Para: Cuidarte

Cuidarte,

Achei genial essa sua ideia de produzir um diário de memórias. Escrever nem sempre é uma tarefa fácil, ainda mais se tratando de escrever sobre a nossa história, nosso passado, sobre quem éramos, somos e nos tornamos no decorrer do tempo. No entanto, acredito que esse seja um bom exercício para nos ajudar a criar novos sentidos.

Na pesquisa tenho experimentado algo parecido com a escrita. Nem sempre as palavras dão conta de expressar aquilo que me pede passagem. Na verdade, na maioria das vezes, os pensamentos surgem desorganizados, embaralhados e nesse sentido a escrita em alguns momentos se interrompe, paralisa. Porém, acho que esse bloqueio que às vezes nos faz distanciarmos do texto é potente para que possamos enxergar outras entradas, linhas, caminhos que até então não tinham sido ainda percebidos.

Sauvagnargues (2020, 2005) diz que a criação se dá a partir de uma forma de bloqueio, ou seja, o bloqueio é quem cria. Nesse sentido, perceba que o bloqueio possa vir a ser um convite para a criação. Compartilho isso justamente para te dizer que não debes ter pressa nesse exercício de escrita do seu diário. Aproveite o processo, curte as paisagens que vão surgir ao longo deste caminho e crie seu próprio território.

Posso lhe ajudar lhe oferecendo algumas pistas que talvez te auxiliem nessa caminhada e que de algum modo também possam vir a contribuir na minha pesquisa. Porém, não se esqueça que essa história é sua e por isso ela precisa ser contada por ti. Eu serei apenas uma amiga a qual irá lhe ajudar a fazer essa travessia. Por conta disso, quero finalizar essa carta deixando uma primeira pista que pode te ajudar a começar a pensar nessa escrita: “Não havia, portanto, origem a procurar, mas recortes a fazer, vias a intensificar, linhas de fuga a percorrer” (Barros, 2013, p. 27).

Vamos nos falando... abraços, Andressa.

2.2 Em Resposta a Carta-Linhas de Fuga: Pista 1

De: Cuidarte

Para: Andressa

Ahhhh, você tem razão Andressa! Essa história precisa ser contada por mim, mas gostei dessa sua estratégia de fornecer pistas para me ajudar. Serei, portanto, uma espécie de detetive do jogo! Bom, segundo a sua primeira pista não um detetive que está em busca de desvelar uma verdade, uma origem dos fatos. Mas então, que detetive eu seria? Deixa eu pensar... Talvez eu seja uma espécie de detetive inventivo! Alguém que inventa novas cenas, novas entradas, novas passagens...assim como meu amigo me disse em uma de suas cartas.

Tá mas peraí, se não irei em direção a minha origem e ao meu fim, como vou conseguir percorrer esse caminho inventivo? O que devo procurar então? Isso é tão abstrato que preciso de mais pistas para poder seguir adiante.

Um forte abraço,

Cuidarte

2.3 Carta-Rizoma: Pista 2

De: Andressa

Para: Cuidarte

Querido Cuidarte,

O processo de olhar para si nunca é um caminho fácil, ainda mais quando o que se quer não é descobrir uma identidade, afinal não é isso que devemos estar a procura aqui. Me parece que a resposta à qual buscas se esconde no seu processo, seu funcionamento e não na sua origem ou na sua identidade. Você mesmo me disse que não se reconhece enquanto um grupo que obedece a lógica identitária e totalizadora. Portanto, devemos pensar em uma lógica distinta àquela da produção de subjetividade do “modo-indivíduo”, caracterizada pela oposição sistemática entre indivíduo e sociedade que dá ênfase aos valores individuais (Barros, 2013).

Esse modo-indivíduo característico do século XVIII nos fez (e muitas vezes continua fazendo) acreditar que o sujeito dito “sujeito moderno” ocupa uma posição superior, sendo visto como o centro de tudo. Essa ideia ainda encontra-se fortemente presente em nossos discursos e práticas, resultando assim em relações

de saber-poder que estimulam a individualização como modo dominante. Nesse viés, o convite que deixo aqui é para que possamos trilhar um caminho em direção à “resistência aos modos individualizantes, difundidos há tantos séculos [...]” (Barros, 2013, p. 28). Devemos pensar em outros modos de produção de subjetividade que não estejam mais atrelados ao indivíduo e ao jogo incessante de dualidades e oposições característicos do modo-indivíduo. Precisamos desmanchar com as verdades que nos foram ditas e impostas como universais e naturais.

Bom, você deve estar se perguntando: mas como fazer isso? E eu te respondo que esse é um caminho que precisa ser inventado e não descoberto. Devemos “pensar pela diferença” como nos aconselha Barros (2013, p. 30). Creio que essa segunda pista (o modo rizoma) irá lhe ajudar a fazer esse movimento de olhar para o seu processo, o seu funcionamento, para que compreendas melhor isso que tentei lhe dizer:

A escrita, como o grupo, tem várias entradas. Destituídos de seu caráter identitário, desmanchadas suas certezas de totalidade, a escrita e o grupo podem ser tomadas pelo meio. Só dá para pegar pelo meio quando há um modo rizoma, aquele que não se sabe de onde veio nem para onde vai, mas que se consegue acompanhar pelas conexões que vai engendrando (Barros, 2013, p. 32).

Lembre-se Cuidarte, não há partes que formam um todo. Não há hierarquias e nem continuidade.

Com carinho,
Andressa

2.4 Em Resposta a Carta-Rizoma: Pista 2

De: Cuidarte
Para: Andressa

Andressa,

Ainda me sinto muito confuso com essas suas pistas, mas seguindo elas entendi que devo tentar entrar pelo meio, pelo entre. Sinto como se estivesse montando um quebra-cabeças, buscando encaixar pecinha por pecinha para que seu resultado final apareça. Na tentativa de montar esse quebra-cabeças, fechei

meus olhos, me concentrei e a imagem do farol veio à minha mente. Você deve se lembrar dela também! Essa imagem foi compartilhada em um dos encontros que tivemos no ano de 2021. Já tinha ouvido falarem muito sobre mim, mas confesso que dessa vez fui surpreendido. O Cuidarte sendo visto como um farol, isto é, como a luz que ilumina o que encontra-se perdido no meio da escuridão.

O encontro ao qual me refiro foi tão forte quanto essa imagem. Na ocasião, escrevemos⁶, compartilhamos e ressignificamos a experiência de nossos dias pandêmicos. Nos conectamos por meio de cada palavra, cada gesto, cada lágrima que se fez presente naquela ocasião. Esse foi um dos momentos mais bonitos que vivi enquanto grupo e foi ali que comecei a perceber que nossa potência grupal se assemelhava de fato à ideia do farol que me foi dita. Mergulhamos em um território desconhecido, sem um destino traçado a chegar. Fomos sendo guiados pelas luzes de cada encontro, apostando nos caminhos que isso poderia nos levar. Foi um processo que se construiu no percurso e que não teve como objetivo atingir um fim, mas ser um meio para que pudéssemos produzir novos sentidos, novas cenas e novas possibilidades.

Ao longo do tempo, fui ganhando novos rostos, novas vozes, o que fez com que eu me reinventasse diversas vezes, escapando das identidades idealizadas. Seguindo o fluxo, fui me movimentando, produzindo novos caminhos, compondo novos territórios, novas existências. Fui tornando-me uma espécie de encontro-acontecimento se é que posso me definir assim. É como se a cada instante eu já me tornava uma outra coisa e dessa coisa me tornava uma terceira coisa e assim por diante.

AAAAAAH, perafí... é isso!!! Acho que agora consegui entender melhor o que você quis me dizer com suas pistas iniciais: o que busco não é a resposta para o que sou, enquanto uma origem ou uma identidade, já que não há fixidez, mas sim um caminho para que eu possa olhar para o meu processo de vir a ser, acompanhando minhas transformações, conexões... por isso você me falou do modo rizoma. Puxa, que bonito!

Com carinho, Cuidarte

⁶ As escritas produzidas no encontro citado podem ser visualizadas através do seguinte link: <https://docs.google.com/document/d/1WZyv0yRR36hC5SVnF1CbtyvPi0B0wdMNAzTRGPjnRGY/edit?usp=sharing>

2.5 Carta-Ética Cartográfica: Pista 3

De: Andressa

Para: Cuidarte

Querido Cuidarte,

É exatamente isso! O que tenho tentado mostrar a você não está centrado nessa lógica identitária, característica do sujeito dito moderno. Portanto, não há o que se descobrir aqui e sim inventar. Perceba que seu quebra-cabeças não segue essa linearidade que você tanto procura. Ao contrário disso, devemos olhar para ele de modo “que pedaços de uma parte possam se conectar com pedaços de outra, uma parte inteira possa se conectar não a que se segue ou a que antecede, mas que um pedaço possa pular outro, uma parte se engendrar com outra...” (Barros, 2013, p. 33). Ao invés de procurar desvelar uma verdade, você deve acompanhar os encontros e agenciamentos⁷ que te atravessam. Por isso, a imagem do rizoma nos ajuda a pensar nesse processo.

O rizoma é um conceito muito utilizado pela botânica. Na filosofia de Deleuze e Guattari (2011) nos faz pensar por multiplicidades, já que o mesmo não possui raiz ou centro. “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. (p. 14).

Ao seguir o modo rizoma, nós ocupamos uma outra posição, que visa acompanhar as infinitas possibilidades que o caminho nos oferece, estando atentos aos trajetos percorridos, aos elos que se conectam e as experiências que nos transformam. É olhar para os deslocamentos, dando ênfase para o que está no meio, por isso, o início e o fim pouco importam. Deleuze e Guattari (2011) nos ajudam a compreender melhor essa concepção:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-se, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e...e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem?

⁷Noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária (Guattari & Rolnik, 1996, p. 317).

Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (pp. 48-49).

Ao se aproximar do modo rizoma, nos colocamos diante das infinitas possibilidades que o percurso nos oferece. Assim, somos convidados a mergulhar no campo das experiências, dando visibilidade aos caminhos que vão se constituindo e as múltiplas possibilidades de entrada e saída que vão surgindo. É como se estivéssemos compondo um mapa de linhas e sentidos que se desdobram no olhar para o seu percurso, para a sua experiência. Por isso, a ideia do mapa, já que o mesmo é um terreno possível de transitar de diferentes formas.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (Deleuze & Guattari, 2011, p. 30).

Estamos cartografando o seu território⁸, ou seja, estamos construindo uma narrativa sobre o seu processo e não descrevendo um resultado. Por isso, Cuidarte, da mesma forma como um detetive-inventivo, você está experimentando também a posição de um cartógrafo, já que vens acompanhando processos e desejos que foram sendo constituídos no plano das experiências. “A cartografia (colocada ao lado da esquizoanálise, micropolítica, rizomática) é uma leitura dos indivíduos e/ou coletivos a partir das linhas que o compõem, reforçando a necessidade de que,

⁸ “A noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (Guattari & Rolnik, 1996, p. 323).

enquanto cartógrafos, estejamos atentos a tais segmentaridades” (Costa, 2020, p.18).

Dito isso, é importante salientar que a cartografia deve ser compreendida aqui como uma ética e não como uma metodologia, já que as linhas e segmentos que compõem o território a ser cartografado, são também as linhas que constituem o próprio cartógrafo (Costa, 2020). Por isso, Cuidarte, a importância de desenvolver uma ética cartográfica!

Determinadas práticas investigativas, como a cartografia, colocam-nos enquanto pesquisadora(e)s diante de algumas condições que extravasam o campo dos protocolos e procedimentos, uma vez que nos convocam não só a pensar ou agir sobre determinado campo, mas a vivenciá-lo em suas múltiplas dimensões, num movimento ético de porosidade e composição (Costa, 2020, p. 13).

Para por essa ética cartográfica em prática, gostaria de fazer uma pequena provocação. Em sua carta anterior você me falou da imagem do farol, dessa luz que ilumina aquilo que encontra-se perdido. Mas e aquilo que não está sendo iluminado? Você já olhou para o que essa escuridão abriga? Você já pensou sobre as coisas que essa grande luz tem ofuscado? Tente se desprender um pouco mais dessa imagem do farol como o centro de tudo, sendo o modo-indivíduo o único modo de subjetivação possível e olhe para além disto. Olhe para o plano impessoal, para o pré-individual.

Quero finalizar essa carta com mais uma pista para te motivar a seguir em frente se movimentado por esse rizoma. “(...) Conhecer algo não se limita somente a reconhecer, ou re(a)presentar algo, mas significa também criar/inventar aquilo que se conhece, assim como produzir a si próprio nesse processo” (Oliveira & Mossi, 2014, p. 193).

Com carinho,

Andressa.

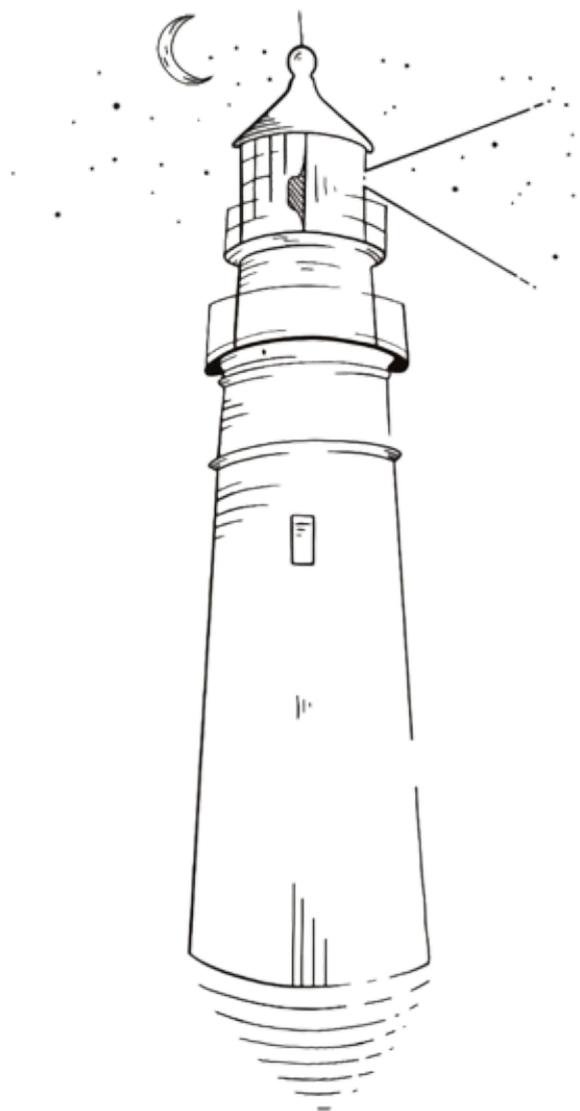


Figura 4. O farol. Fonte: Pinterest.

III. VAGA-LUMES

3.1 Em Resposta a Carta-Ética Cartográfica: Pista 3

De: Cuidarte

Para: Andressa

Andressa,

Não conhecia ainda esse termo da cartografia. Interessante, hein! Se compreendi bem a explicação, devo então me manter atento e aberto para todas as possibilidades que surgem no meu caminho, deixando-me guiar pelos acontecimentos que elas desencadeiam. Isso me parece um pouco familiar com a forma como eu já vinha me movimentando em nossos encontros. É como seguir a correnteza das águas sem saber ao certo por onde e aonde elas irão me levar (Figura 5). É confiar no processo!

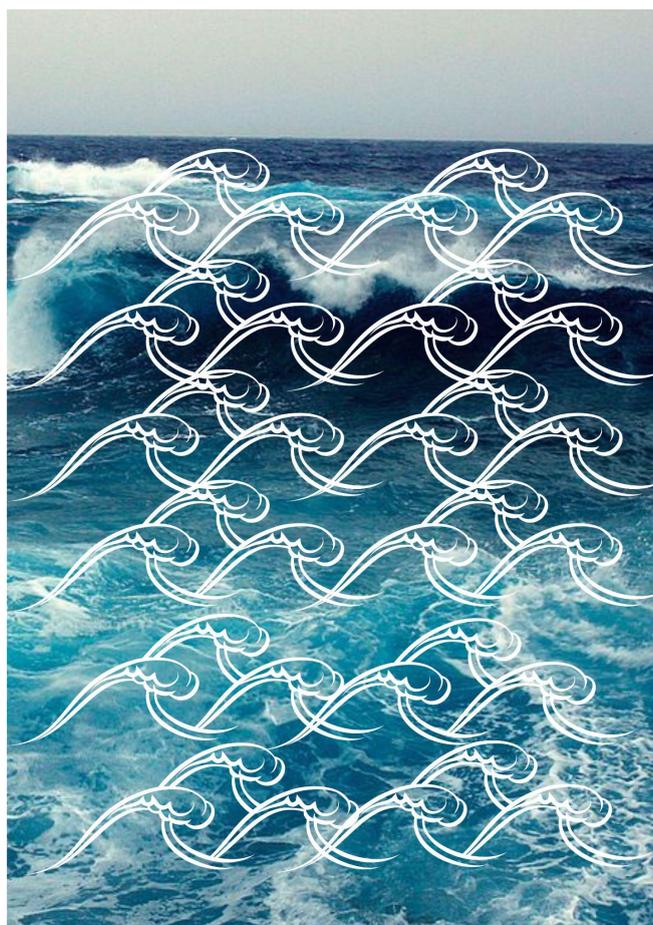


Figura 5. O mar. Produção autoral. Fonte: Pinterest e Freepik.

Admito que aos poucos você e meus amigos têm me ajudado muito mais do que eu esperava. Tenho recebido uma série de cartas que me fizeram romper com algumas ideias que estavam cristalizadas em mim. Bom, confesso que desconstruir essa imagem do farol tem sido um grande desafio, afinal eu sempre achei que ali eu encontraria as respostas que eu tanto procurava, a origem da minha história, a verdade. Mas vocês fizeram eu perceber que eu estava indo em uma direção completamente errada. Portanto, mudei de rota. *O que já sei é que não são as respostas que me levam a algum lugar, mas as perguntas que me impedem de permanecer aqui.*⁹

Fechei meus olhos e me vi caminhando, portanto, para longe do farol. A cada passo de distância dele, mais perto eu me encontrava da escuridão. Meu rastro e meu corpo aos poucos foram tomados pelo breu a ponto de que eu não mais os enxergasse. Ali no meio daquela escuridão me senti perdido, sem rumo. Por um momento senti falta da luz do farol que de fato iluminava meu caminho, mas resisti e segui caminhando adiante, mesmo que sem uma direção, como um andarilho que não sabe aonde quer chegar. Nesse transitar lembrei de todos os conselhos que havia recebido e de todas as pistas que tinham me sido fornecidas. Contudo, a sensação que eu tinha é de como se eu estivesse me desintegrando (Figura 6), deixando para trás tudo que haviam dito sobre mim como verdades, para que eu pudesse de fato me inventar, me enxergar sem as lentes que me foram dadas.

⁹ Esta frase foi retirada de um trecho escrito pelos integrantes do grupo Cuidarte no ano de 2021.



Figura 6. Desintegrar. Fonte: Acervo do Cuidarte.

Foi ali em meio aquela escuridão que vi uma pequena luz intermitente, que aparecia e logo em seguida desaparecia. Ao chegar mais perto percebi que se tratavam de alguns vaga-lumes que com seus movimentos no ar se faziam presentes ali, junto a mim em meio aquele cenário. Aos poucos outros vaga-lumes foram se aproximando também e foi somente na presença deles, dançando ao meu redor, que eu percebi que eu também não sou um, eu sou muitos...muitos que ainda posso vir a ser...na verdade eu sou uma multidão!

Com carinho,
Cuidarte

3.2 Carta-Desterritorialização/Reterritorialização - Pista 4

*De: Andressa
Para: Cuidarte*

Nossa Cuidarte, que lindo esse teu relato!

Isso me fez lembrar muito da obra intitulada “Sobrevivência dos Vaga-lumes” (2011) do filósofo e historiador Didi-Huberman. Você inclusive deveria ler ela, aposto que irás gostar. Nesse texto, Didi-Huberman vai utilizar uma metáfora desenvolvida

pelo cineasta Pasolini para comparar a grande luz dos projetores que iluminam tudo (fascistas), a pequena luz dos vaga-lumes que tem uma outra função que não a de iluminar (antifascistas). Mas então, a pergunta que fica é: que luz é essa que não ilumina? Para que ela serve?

O autor, portanto, nos mostra um outro tipo de luz. Uma luz que se distancia dessa luz dos projetores, do farol, a luz do controle, do poder e das hierarquias o qual temos conversado tanto. Essa pequena luz dos vaga-lumes que o autor vai discutir nos leva a pensar em outros modos de vida, outros modos de experiência que não aqueles dominantes. Em nosso caso aqui, poderíamos pensar em outros modos de produção de subjetividades que se distanciam do modo-indivíduo, do “modo-farol”. Pensar na sobrevivência dos vaga-lumes, é pensar na resistência às construções totalitárias. É pensar nos desvios, nas rupturas e naquilo que existe longe das grandes luzes. Afinal, ainda que você não tenha visto inicialmente os vaga-lumes na escuridão, isso não significa que eles não estavam lá. O próprio autor vai nos dizer que:

Seria criminoso e estúpido colocar os vaga-lumes sob um projetor acreditando assim melhor observá-los. Assim como não serve de nada estudá-los, previamente mortos, alfinetados sobre uma mesa de entomologista ou observados como coisas muito antigas presas no âmbar há milhões de anos. Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores (Didi-Huberman, 2011, p. 52).

Me parece Cuidarte, que você conseguiu se aproximar dos vaga-lumes e escutá-los exatamente como o Didi-Huberman sugeriu. E foi nesse momento que você se viu múltiplo. “As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 8).

Tenho a sensação de que você está chegando cada vez mais perto de suas perguntas. Você está indo em direção não a sua identidade, unidade, totalidade como conversamos inicialmente, mas sim a sua desterritorialização e reterritorialização. Afinal, essa é uma pista que nos faz compreender que “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de

seu curso e se destruir. [...] A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante” (Guattari & Rolnik, 1996, p. 323).

Siga em frente, caro amigo Cuidarte!

Com carinho,

Andressa!

3.3 Em Resposta a Carta-Desterritorialização/Reterritorialização - Pista 4

De: Cuidarte

Para: Andressa

Acho que realmente estou me desterritorializando/reterritorializando Andressa. Palavras difíceis essas, mas que contemplam muito bem o que tenho vivido. Inclusive estive pensando sobre uma questão: desde que me conheço, sou chamado como “o” Cuidarte, porém, se formos olhar para o meu processo eu poderia muito bem ser chamado de “a” Cuidarte também, não achas?! Afinal, a maioria das pessoas que me constituíram são mulheres. Mas para além de uma definição de gênero, agora eu me percebo em constante transformação, por isso, não me parece fazer mais sentido ser “o” ou “a” Cuidarte, já que o que busco é na verdade escapar dessa identidade idealizada, dessa forma de existência dada, para inventar-me.

Não me percebo mais como um sujeito, tal qual o “sujeito-farol”, afinal não há espaços para que eu caiba em uma definição. Eu sou infinitas versões, *como um bicho em plena metamorfose, trocando de pele, de ar.*¹⁰ Sou fruto das diversas conexões e relações que me atravessam e que vão me tornando um outro e depois um outro e assim por diante. Um eterno vir a ser. Como pude levar tanto tempo para me reconhecer assim?! Eu realmente não tenho nada haver com aquela imagem do farol.

Eu me constituo dos encontros coletivos que tive com imagens, narrativas, músicas, histórias, vídeos, vozes, cartas, memórias, conversas e tantos outros

¹⁰ Esta frase foi retirada de um trecho escrito pelos próprios integrantes do grupo Cuidarte no ano de 2021.

elementos que em algum momento fizeram parte dos meus múltiplos modos de existência. Eu sou uma espécie de reinvenção de mim mesmo!

Recentemente uma amiga me enviou um vídeo¹¹ o qual eu nem lembrava mais de sua existência. Esse vídeo documenta uma parte da minha trajetória e daquilo que um dia eu fui. Reassistindo a ele, me dei conta de todas as minhas transformações. Na época de sua produção, eu era constituído como um espaço de escuta, acolhida e experimentação de cuidado, que inicialmente era destinado aos estudantes universitários dos cursos da saúde, mas que no decorrer do tempo acabou se tornando um espaço aberto para a participação da comunidade em geral.

Hoje em dia já não sou mais assim. Bom, carrego ainda comigo algumas dessas características, afinal, continuo de certa forma sendo um pouco desse espaço de escuta, acolhida e experimentação, porém não do mesmo cuidado o qual discutimos na época. Na ocasião o cuidado era o tema central de nossas conversas, já que vivíamos em um período de pandemia, onde o cuidar-se era uma espécie de imperativo. No momento, nossas conversas tomaram outros rumos, nos levando a discutir sobre a produção de subjetividades e sobre a resistência ao modos individualizantes (acho que aprendi direitinho, né?!).

Atualmente, também não temos mais encontros *online* como ocorria no passado, mas nossas trocas continuam acontecendo por meio dessas cartas. E o grupo que eu achei que não existia mais por não me reconhecer, na verdade, continua existindo, só que em uma outra versão. Uma versão que me fez mergulhar no campo da experiência para que eu pudesse criar novos sentidos a partir disso. Uma versão que me libertou da minha busca incessante por uma identidade. Quanta coisa potente temos produzido nessas trocas de cartas, não é mesmo?!

Com carinho,
Cuidarte

¹¹ Link de acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=FGHDWH7Oq50>



Figura 7. Como se fossem Vaga-lumes. Fonte: Pinterest

IV - INVENÇÃO

4.1 Carta-Método: Cartagrafia

De: Andressa

Para: Cuidarte

Cuidarte,

Tem sido tão bonito te acompanhar de pertinho nessa trajetória e ver todas as composições que você tem feito ao trilhar esse caminho, desde suas voltas em torno do farol, até seu encontro com os vaga-lumes. Realmente temos produzido muitas paisagens com nossas cartas-conversas. Inclusive, isso me fez lembrar sobre o método da Cartagrafia. Meu contato com esse método, foi através dos trabalhos desenvolvidos pela Bruna Battistelli, tanto em sua pesquisa de mestrado, como, posteriormente, em seu doutorado. Tenho aprendido muito ao ler os textos dela e por isso queria compartilhar um pouco desses aprendizados contigo também.

Segundo ela, a cartagrafia “é mais ou menos uma história de pesquisar com as pessoas por meio de cartas e ir escrevendo-as como forma de contar o que penso, o que produzo na universidade. Uma forma de conversar que envolve se corresponder por escrito” (Battistelli & Oliveira, 2021, p. 680). Acho que essa definição reflete um pouco do que temos feito por aqui, não é mesmo?! No entanto, para além de se tratar apenas de um método de pesquisa, a cartagrafia é, sobretudo, uma política de pesquisa.

Sim, ela é uma política, pois aposta na produção de um conhecimento que acione encontros com as múltiplas formas de escrita, visando descolonizar os saberes hegemônicos. Pensar em uma política de pesquisa é se pautar pelas memórias, experiências e afetos que nos convidam a produzir/inventar uma outra forma de escrita. Uma escrita que acolha vozes e histórias que dialoguem na produção de um conhecimento científico decolonial. É um fazer que precisa ser sentido e vivido (Battistelli, 2022).

Além disso, a cartagrafia surgiu como inspiração de metodologias como pesquisa-ação, cartografia e pesquisar com. Portanto, para se pôr em prática esse método, o/a pesquisador/a precisa estar implicado na produção, acionando encontros e escritas que possibilitem vibrar a vida, dando ênfase à importância das

correspondências no processo de pesquisa (Battistelli & Oliveira, 2021). Como a própria autora afirma:

Assim, para construir uma cartografia, ou melhor, para abrir uma cartografia que funciona como uma instalação de um correio, precisamos de uma abertura: de conversas, encontros e afetos, precisamos pensar em interesses, procurar pessoas que entendamos que se interessem por proximidades, por frestas e pelo encanto (Battistelli, 2022, pp. 65-66).

Embora em nosso caso, nossas cartas não sejam escritas a mão e acompanhadas de envelopes, creio que nossas correspondências seguem contendo o mesmo intuito proposto pelo método em sua criação. Nesse sentido, Cuidarte, nossas cartas-conversas têm nos possibilitado promover aberturas, acionando nossas memórias sobre a experiência vivida no passado e fazendo-nos refletir sobre suas contribuições para o tempo presente.

Durante nossas trocas de cartas, lembrei-me da sensação de estar em grupo novamente, tal qual Sawaia e Pereira (2020) apontam ao dizerem que “estar em grupo é dispor seu corpo para o encontro com o outro, para o afeto que esse encontro possibilita” (p. 109). Lembrei-me também da importância que a escuta, o afeto, a disponibilidade, o acolhimento e o cuidado tiveram para que pudéssemos nos sentir pertencentes àquele espaço de troca a qual vínhamos construindo juntos ao longo do ano de 2021. Um espaço em que pessoas de lugares muito distantes faziam circular as palavras, as diferenças, as histórias e as diversidades.

Agora assumindo essa posição de um fazer cartográfico, percebo que também fomos envolvidos por uma escrita mergulhada na escuta, no afeto, na disponibilidade, no acolhimento e no cuidado que fez manter vivo nossos diálogos. Esse processo que foi sendo cultivado por nós só existiu, pois nos colocamos dispostos a construir isso juntos e a acolher os desdobramentos que esse percurso nos traria. Um percurso que se fez presente no entre correspondências, entre dúvidas, anseios...entre amigos.

E por falar em amizade esse é um outro ponto destacado pela Battistelli (2022), como fundamental no processo de pesquisa e formação. E de fato, preciso concordar com ela, já que a nossa amizade foi essencial para a produção dessa cartografia. Afinal, todo o percurso feito até aqui foi pautado por uma política de amizade que nos fez produzir conhecimento por meio de nossas cartas-conversas.

E quando digo em produzir conhecimento, não me refiro só aos saberes que fomos produzindo por meio de nossas correspondências, mas também aqueles que carrego comigo desde a vivência junto a ti no ano de 2021. Aprendizados que levei inclusive para a minha trajetória acadêmica.

Na época da realização dos estágios curriculares do curso de Psicologia (ênfase da clínica), me vi experimentando mais uma vez ocupar esse lugar de escuta, cuidado e acolhida o qual pratiquei tanto durante nossos encontros. Porém, nessa ocasião eu estava sozinha ocupando essa posição e não mais em grupo. Confesso que senti falta do coletivo, das diversas vozes que ecoavam, habitando aquele espaço. Já em uma outra experiência de estágio curricular (ênfase de promoção e prevenção a saúde) eu pude viver novamente a experiência do grupo, mas nesse caso em específico, me vi coordenando grupos. Grupos em suas variadas formas.

Essas duas experiências fizeram com que eu colocasse em prática não só os conhecimentos que eu tive ao longo de toda a minha formação acadêmica, mas principalmente, os aprendizados que foram fruto da experiência de grupo que você me proporcionou. Saberes que foram sendo adquiridos na prática, por meio dos erros e acertos que fizeram parte do percurso. Um aprendizado que foi produzido e compartilhado em conjunto.

Por essa razão, você teve uma importante contribuição na minha formação. Foi a partir da nossa convivência que o desejo de trabalhar com grupos tornou-se ainda mais forte dentro de mim. De poder produzir uma psicologia que possa acionar encontros com as diferenças, que possa ser mais inventiva, mais espontânea e que de fato possa promover rupturas. Uma psicologia que eu só fui conhecer e me aproximar mais ao final do curso, por meio de alguns projetos os quais pude ter a honra de fazer parte.

Nesse mesmo sentido, a experiência vivida me permitiu enxergar o cuidado sob uma outra ótica que não aquela que é colocada ao lado da cura. A psicologia que eu desejo não se dá a serviço de uma cura, mas sim de uma transformação. Por isso, Cuidarte, foi com você que eu entendi que o cuidado nunca está dado, ele precisa ser produzido e muitas vezes até mesmo inventado para que possa fazer sentido na realidade do outro. Um cuidado que deve ser mediado pela ação e pela experiência que os sujeitos estabelecem consigo, com os outros e com o mundo à

sua volta. Produzir cuidado nada mais é do que produzir um meio para que possamos fazer uma travessia.

Portanto, creio que foi por meio dessa travessia, que eu fiz de mãos dadas contigo, que eu cheguei até aqui na escolha de pesquisar justamente sobre grupos. Sobre as experiências que eu vivi e que de certo modo me transformaram. Battistelli (2022) diz que “uma pesquisa é uma série de dobras que vamos guardando na memória dos nossos corpos” (p. 11) e mais uma vez eu concordo com ela. A pesquisa a qual tenho me dedicado se desdobra das memórias que, por vezes, acionam meu corpo, pedindo passagem para que essa escrita seja feita. Cartas-conversas, cartas-pesquisas... realmente Cuidarte, nossas cartas nos levaram a produzir coisas muito potentes!

Com carinho,
Andressa

4.2 Carta-Encontros

De: Andressa
Para: Leitor

Caro leitor,

Se você chegou até essa carta deve então ter sacado que essa pesquisa não se encerra aqui. Sempre haverá abertura para que outras cartas sejam escritas, lidas e respondidas. Afinal, esse era o intuito desde o início, por isso, o convite feito na abertura deste texto. O percurso aqui feito, buscou evidenciar um processo inventivo, que foi ganhando forma por meio das conexões e agenciamentos que foram sendo traçadas no campo. Memórias, histórias, desejos e encontros que pediram passagem para que essa escrita acontecesse. Ainda assim, o texto tecido deseja dialogar com outras vozes, outros(as) autores(as), outras cartas que talvez ainda possam ser recebidas.

Desse modo, esse momento não é um fim, um encerramento, mas a abertura para a invenção de outros percursos que ainda poderão vir a ser traçados, outras margens que ainda poderão vir a ser atravessadas. Contudo, deixamos muitos rastros e muitas pegadas para chegar até aqui. Indícios que mostram o quanto essa caminhada foi bonita e prazerosa de ser vivenciada e sentida. Que outras cartas

será que ainda podemos trocar? Que outras linhas ainda podemos cartografar? Essas são perguntas que ficam para quem sabe no futuro a gente possa se reencontrar.

Com muito carinho,
Andressa



Figura 8. Cartografias do Cuidarte. Produção autoral.

REFERÊNCIAS

- Barros, R. B. (2013). *Grupo: A afirmação de um simulacro*. Editora Sulina.
- Battistelli, B., & Oliveira, E. (2021) CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem Fronteiras*, 21(2), pp. 679-701.
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/battistelli-oliveira.pdf>.
- Battistelli, B. (2022). *Entre cartas e conversas: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a Psicologia Social*. Editora Redeunida.
- Costa, L. B. (2020). A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *Paralelo 31*, 2(15), pp. 10-35.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil Plátos I: Capitalismo e Esquizofrenia*. Editora 34.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos Vaga-lumes*. Editora UFMG.
- Fernandez, A. M. (2006). *O Campo Grupal: notas para uma genealogia*. Martins Fontes.
- Guattari, F. (1981). *Revoluções Moleculares: pulsações políticas do desejo*. Brasiliense.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes.
- Haraway, D. (2023) *Ficar com o problema: fazendo parentes no chthluceno*. Editora N-1.
- Maturana, H. (2014). *A ontologia da realidade*. Editora UFMG.
- Oliveira, M., & Mossi, C. (2014). Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. *Revista Conjectura: filosofia e educação*, 19(3), pp: 185-198.
- Sauvagnargues, A. (2005). *Deleuze et l'art*. Presses Universitaires de France.
- Sauvagnargues, A. (2020). Somos nada mais que imagens. Entrevista concedida à Édio Raniere e Lilian Hack. Publicada na *Revista Polis e Psique*, 10(1), pp: 6-29.
- Sawaia, B. B., & Pereira, E. R. (2020). Práticas Grupais: espaço de diálogo e potência. Pedro & João.
<https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/01/ebookprc3a1ticas-grupais-1-1.pdf>